



ASSOCIATION EUROPEENNE DES
CHEMINOTS AEC

ASSOCIAÇÃO EUROPEIA DOS
TRABALHADORES FERROVIÁRIOS -
SECÇÃO ESPANHOLA (AEC-SE)



Na chuva do Sil: um dia com o Ponfeblino que nunca esqueceremos

Há dias que parecem estar escritos pelo próprio território. Dias em que a chuva não atrapalha, mas acompanha; em que o cinzento do céu se mistura com o negro intenso do carvão que ainda parece bater nas locomotivas adormecidas. Na passada sexta-feira, 13 de março de 2026, Villablino foi palco de um daqueles dias que permanecem gravados na memória coletiva: a visita de uma delegação da **Associação Europeia dos Ferroviários, Secção Espanhola (AEC-SE)**, ao projeto do **Comboio Turístico Ponfeblino**.

Desta forma, sob uma chuva intensa que marcou todo o dia, uma delegação da Associação Europeia dos Ferroviários, Secção Espanhola (AEC-SE), visitou na passada **sexta-feira, 13 de março**, o projeto do Comboio Turístico de Ponfeblino, uma iniciativa que avança de forma constante na recuperação da histórica linha mineira que ligou Ponferrada e Villablino durante mais de um século.

A visita, de natureza institucional, faz parte do apoio explícito que a AEC pretende mostrar ao projeto, conforme referido na nota oficial da organização: *"A Associação Europeia dos Trabalhadores Ferroviários (AEC) realizará uma visita institucional ao Projeto do Comboio Turístico Ponfeblino (...) com o objetivo de mostrar o seu apoio explícito a esta iniciativa"*.

Chegámos cedo, envoltos numa chuva persistente que encharcava as ruas e fazia os carris brilharem como se acordassem de um longo sono. Fomos acompanhados por duas vozes fundamentais do território: a **Conselheira da Cultura, Turismo e Participação Cidadã, Elena Fernández**, e a **Conselheira das Finanças e Património, María José Álvarez**, cujo envolvimento e



proximidade trouxeram calor a um dia marcado pela água e pelo vento.

Nas oficinas, a receção foi dada por **Manuel Ramos**, diretor da **Ferrocarril del Valle del Sil S.L.**, a empresa que promove a recuperação de material histórico. O seu entusiasmo era contagiante. Enquanto caminhávamos entre locomotivas a vapor, carruagens turísticas restauradas e peças que pareciam falar em voz baixa, Ramos explicava-nos cada avanço, cada dificuldade ultrapassada, cada sonho um pouco mais próximo.

A documentação oficial do Consórcio de Comboios Turísticos de Ponfeblino, cujos Estatutos declaram como principal objetivo *"a entrada em funcionamento e operação do Comboio Turístico de Ponfeblino, como elemento de desenvolvimento económico da Região do Bierzo"*, ganhou vida diante dos nossos olhos. Não era um texto administrativo: era uma promessa.

A delegação da AEC-SE, molhada mas entusiasmada, ouviu atentamente. O comunicado de imprensa que anunciava esta visita



falava de *"mostrar o apoio explícito da Associação Europeia dos Caminhos de Ferro a um projeto totalmente espanhol, baseado na recuperação do património e revitalização do turismo"*. E ali, entre o cheiro a gordura, madeira molhada e ferro velho, esse apoio tornou-se tangível.

A chuva batia no telhado como um aplauso constante enquanto observávamos o material



do histórico **Limón Exprés**, agora renascido nos vales do Sil. As locomotivas a vapor, gigantes adormecidos, pareciam respirar sob a humidade do dia. E a antiga rota mineira, visível através do nevoeiro, lembrava-nos que este comboio não é apenas um projeto: é uma ferida que quer sarar com dignidade.



Reuniões institucionais e apoio europeu



O dia incluiu reuniões com as autoridades locais e com o diretor da Ferrocarril del Valle del Sil S.L., uma empresa colaboradora na recuperação do material circulante. Contou também com a presença de Javier Fernández López, diretor do Museu Ferroviário das Astúrias em Gijón, da voluntária condutora a vapor do museu asturiano Beatriz Vilarnovo González, da presença do Presidente Geral Europeu da AEC, Carlos Abellán Ruiz, e dos

parceiros de: Astúrias, Madrid, Zamora, Santander, Palma de Maiorca, Barcelona e Santiago de Compostela, reforçaram a natureza institucional do apoio e destacaram o interesse que o projeto suscita para além do âmbito regional.

A AEC recordou que parte das ações tem financiamento europeu e que o Ponfeblino se enquadra plenamente nas estratégias continentais de preservação do património industrial e desenvolvimento territorial sustentável.



Um final quente no rústico restaurante hoteleiro La Bolera

Após a visita técnica, a chuva continuou a cair com a mesma determinação do primeiro minuto. Refugiámo-nos em **La Bolera**, em Robles de Laciana, onde o cheiro a caldo quente e lenha nos envolvia como um abraço. Lá, à volta da mesa, as conversas fluíam tão naturalmente como a água pelas valas do vale.

Falava-se do futuro, do turismo sustentável, da identidade ferroviária europeia, da importância do Ponfeblino a rodar novamente não só como comboio, mas como símbolo. Os vereadores partilharam a sua visão para Laciana; os representantes da AEC-SE contribuíram com a sua experiência internacional; e Manuel Ramos, com a serenidade de quem conhece cada parafuso do projeto, traçou um possível horizonte.



El Ponfeblino: mais do que um comboio

Quando saímos do restaurante, a chuva tinha abrandado. O vale ainda estava cinzento, mas de um cinzento luminoso, daqueles que anunciam que algo está a mudar. E talvez esse seja o melhor resumo do dia: o Ponfeblino está a deixar de ser um sonho para se tornar um movimento, uma emoção partilhada, um projeto que une gerações.



A visita da AEC-SE não foi apenas um gesto institucional. Foi um lembrete de que o património ferroviário não se preserva pela nostalgia, mas pela identidade. Porque há comboios que não só transportam pessoas:

transportam memória, dignidade e futuro.

E naquele 13 de março, sob a chuva do Sil, todos nós sentimos isso.

El Berrón: onde a ferrovia respira história, futuro e memória

Há lugares onde a ferrovia não é apenas um meio de transporte, mas um pulso. Um batimento que atravessa gerações, que se mistura com a identidade de um território e que ainda está vivo em cada oficina, em cada edifício e em cada encruzilhada. El Berrón, no coração das Astúrias, é um desses lugares.

Sexta-feira passada, 13 de março, após a visita ao projeto do Comboio Turístico Ponfeblino e a caminho de Gijón, uma delegação da **Associação Europeia de Caminhos de Ferro (AEC), Secção Espanhola**, fez uma paragem em El Berrón para visitar instalações ferroviárias únicas, num dia que combinou técnica, emoção e um profundo respeito pela memória ferroviária asturiana.



Mas antes dessa homenagem, era tempo de nos imergirmos no coração operacional da ferrovia asturiana. **De mãos dadas com o seu diretor, Roberto Campo**, percorremos as oficinas e o resto das instalações ouvindo as suas explicações prolixas e onde também nos foi apresentado um porta-chaves... e assim, El Berrón não desiludiu.

1. As oficinas de bitola métrica: onde o vapor volta a respirar



A primeira paragem foram as **oficinas ferroviárias de bitola métrica**, um espaço onde o tempo parece dobrar-se sobre si mesmo. Comboios e locomotivas modernos pintados na cor corporativa de **El Transcantábrico** coexistem com outras peças históricas, entre elas destaca-se uma joia: a **locomotiva a**

vapor restaurada VA N°8, impecável, majestosa, como se estivesse à espera que o sinal voltasse a rodar, depois de verificada e em funcionamento.

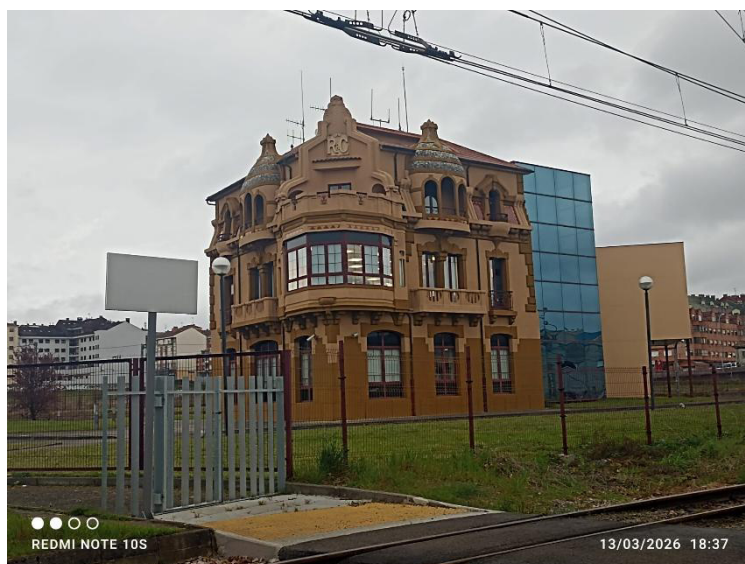
Os membros da delegação caminhavam entre fossas, ferramentas, bogies desmontados e o cheiro metálico tão característico das oficinas. Cada explicação do **técnico Sr. Roberto Campo** era uma janela para décadas de engenharia, esforço e dedicação ao mundo ferroviário.

A locomotiva a vapor, silenciosa mas imponente, parecia observar tudo com a paciência de quem viu gerações inteiras de trabalhadores ferroviários passar.



2. O Centro de Regulação e Controlo (CRC): tecnologia dentro de um edifício que parece um sonho

A segunda paragem foi, sem dúvida, uma das mais surpreendentes: o **Centro de Regulação e Controlo do Tráfego Ferroviário nas Astúrias**, localizado num edifício que parece retirado de uma história modernista.



Uma construção ao estilo Gaudí, restaurado com carinho, combinando curvas impossíveis, detalhes ornamentais e uma presença quase mágica ao lado das linhas.

No interior, a estética modernista transforma-se em pura tecnologia: ecrãs, painéis, comunicações, mapas em tempo real. A partir deste ponto estratégico, o coração

ferroviário é coordenado na circulação dos comboios por toda a Astúrias, tanto os de bitola métrica como os de bitola ibérica.

A delegação observava com admiração como, a partir de um edifício que poderia ser uma obra de arte, o movimento dos comboios que atravessam montanhas, túneis, vales e costas é controlado.

Um contraste perfeito entre passado e futuro.



3. A singularidade ferroviária: duas linhas que se cruzam como se o tempo não existisse



O terceiro ponto da visita foi um daqueles lugares que só os amantes dos caminhos-de-ferro sabem apreciar em toda a sua dimensão: a **singularidade ferroviária** de El Berrón.

Aqui, duas linhas de bitola métrica **cruzam-se ao mesmo nível e perpendicularmente**. São a Linha 770 (de Oviedo a Santander) e a Linha 752 (de Gijón a Laviana); um fenómeno tão único quanto belo. Único devido às **soluções de engenharia aplicadas tanto à parte da via**, onde é a flange da roda do comboio -em vez da jante-, que repousa temporariamente sobre um bloco preenchido e elevado internamente no carril para evitar que a jante da roda -no seu habitual rolamento -, detete o sulco que atravessa; **tal como na parte da catenária**, onde a



construção artesanal de uma malha feita com fio de contacto de cobre e soldada com prata, à semelhança de uma teia de aranha (como na malha superior transportada pelas pistas de diversões em vagões de choque), faz com que os pantógrafos dos comboios roçem contra a cruzamento perpendicular dos fios de contacto, tendo ambas as catenárias (as duas linhas perpendiculares do fio de contacto) ao mesmo nível. Desta forma, **a catenária também se cruza**, formando uma estrutura elétrica que parece uma escultura industrial suspensa no ar.



É um ponto onde a engenharia se torna poesia. Uma passagem que viu os comboios passarem durante décadas, que resistiu a modernizações, que continua a funcionar tão naturalmente como o primeiro dia. Um lugar onde a ferrovia mostra a sua essência mais pura: funcional, resistente, humilde e extraordinária ao mesmo tempo.



Um dia que deixa a sua marca

A visita terminou com o sentimento partilhado de terem percorrido um espaço onde a ferrovia não é apenas infraestrutura: é cultura, identidade e memória. As Astúrias, como recorda o comunicado oficial da AEC-SE, mantém *"uma relação profunda com a ferrovia há mais de um século e meio"*, e El Berrón é um dos seus templos.

A delegação saiu com a certeza de que este património – tanto tangível como humano – merece ser conhecido, protegido e celebrado. E com a emoção de saber que, no dia seguinte, o Museu Ferroviário das Astúrias acolheria um evento histórico: a distinção de **Víctor Manuel** como Membro Honorário, um gesto que une música, memória e corrimãos na mesma homenagem.



Um sábado entre comboios, memória e música: uma crónica íntima de um dia no Museu Ferroviário das Astúrias

Há dias que não são vividos: são cruzados. Dias que parecem escritos pela história antes de se pisar neles. **Sábado, 14 de março de 2026**, em Gijón, foi um desses dias.

O Museu Ferroviário das Astúrias acordou com aquela luz suave que só as cidades do norte têm quando se preparam para algo importante. O ar cheirava a ferro antigo, a madeira envernizada, a histórias que não desapareceram. E ali, entre locomotivas que pareciam observar tudo a partir do seu silêncio solene, a **Associação Europeia dos Trabalhadores Ferroviários, Secção Espanhola (AEC-SE)**, realizou a sua **Assembleia Geral**.



I. A Assembleia: vozes que constroem o futuro em meio a ecos do passado



A sala escolhida para a Assembleia parecia feita de propósito: tetos altos, tijolos expostos, corrimãos que cruzavam o chão como veias de um organismo vivo. Os membros da AEC-SE chegaram pouco a pouco, cumprimentando-se com aquela mistura de camaradagem e respeito que só existe entre quem partilha a mesma paixão.

Durante a reunião, falaram sobre projetos, desafios, a responsabilidade de salvaguardar um legado que não pertence apenas aos trabalhadores ferroviários, mas a todos. A ferrovia, aquele velho gigante que nunca para de avançar, foi o verdadeiro protagonista invisível de cada intervenção.

E enquanto as palavras enchiam a sala, os motores pareciam ouvir.



II. Víctor Manuel, Membro Honorário: quando a música encontra os corrimãos

Após a Assembleia, o museu foi transformado. A atmosfera tornou-se mais solene, mais íntima, mais expectante.

No centro da nave principal, sob o olhar imponente de duas locomotivas a vapor, uma delas a "Varela de los Montes", a AEC-SE realizou um evento que ficará gravado na sua história:



a distinção do cantor e compositor asturiano Víctor Manuel como Membro Honorário.

O comunicado de imprensa deixou-o claramente: a associação queria reconhecer *"a sua carreira e a sua estreita ligação com a memória ferroviária e o património cultural"*. Mas ali, ao vivo, o gesto ganhou outra dimensão.



Porque Víctor Manuel não é apenas um artista. É uma voz que narrou as Astúrias, que cantou as suas minas, os seus comboios, as suas despedidas, os seus regressos. É uma ponte entre gerações.

O evento contou ainda com a presença de várias autoridades e representantes institucionais, incluindo a **Vereadora da Cultura, Museus e Indústrias Criativas da Câmara Municipal de Gijón, Ana Montserrat López Moro**; o **diretor do Museu dos Caminhos de Ferro, Javier Fernández López**, e o **Presidente-Geral Europeu da**

Associação Europeia dos Caminhos-de-Ferro (AEC), Carlos Abellán Ruiz, cuja participação sublinhou o caráter público, cultural e europeu da homenagem.



No mesmo quadro solene, a AEC-SE também quis reconhecer o trabalho daqueles que, dos domínios profissional e do património, mantêm viva a memória ferroviária. Diplomas de mérito, reconhecimento oficial e gratidão **pela sua dedicação à investigação e preservação do Património Industrial Ferroviário foram entregues** ao diretor do Museu, **Javier Fernández López**.

Da mesma forma, a maquinista da **Renfe, Beatriz Vilarnovo González**, destacou-se com **reconhecimento oficial e gratidão** pelo seu trabalho como **maquinista histórica** no Museu Ferroviário das Astúrias, um trabalho que permite não só preservar o património, mas continuar a respirar e a circular nos carris.

E foi precisamente nesse clima de emoção contida que **surgiu a grande surpresa do evento**: a realização de um desejo de infância que o próprio Víctor Manuel escreveu na sua canção **"O filho do ferroviário"** (*"El Hijo del Ferroviario"*). Nessa canção confessou: *«O meu pai, aliás, era ferroviário / e quando criança gostaria / de pôr o boné, agarrar o apito / e, com a bandeira, começar o Talgo»*.



Esse sonho, mantido durante décadas, realizou-se ali mesmo, nos cais ferroviários do Museu das Astúrias, em Gijón. A AEC-SE forneceu-lhe o **equipamento regulado** para que pudesse **fornecer o produto regulamentar** a uma locomotiva a vapor ligada a carruagens de passageiros.

O que nasceu como uma surpresa para ele tornou-se **um ato cativante e profundamente**

emocional. Muitos participantes sentiram que, naquele momento, não só o cantor e compositor estava a ser homenageado, mas também todos os trabalhadores ferroviários – os de ontem, os de hoje e os que virão –, que construíram a identidade desta terra.

Quando recebeu a distinção, o silêncio foi quase reverente. As locomotivas pareciam inclinar-se um pouco. E muitos sentiram que esta homenagem não era só para ele, mas para todos os trabalhadores ferroviários – os de ontem, os de hoje, os que virão – que construíram a identidade desta terra.



A laudatio: Víctor Manuel, "A Voz Que Nunca Se Rende"

Crónica narrativa sobre a homenagem a Víctor Manuel

Há discursos que não só apresentam uma pessoa: revelam-na. A laudatio dedicada a **Víctor Manuel San José**, nomeado *Membro Honorário 2025 da AEC-SE*, pertence àquela categoria de palavras que não descrevem, mas iluminam.



No Museu Ferroviário das Astúrias, em Gijão, a 14 de março de 2026, a Associação Europeia dos Trabalhadores Ferroviários prestou homenagem a um artista cuja carreira transcendeu o palco para se tornar um **ato de cidadania**. Como indicado no próprio texto:

"Há artistas que enchem estádios, e há artistas que enchem a consciência."

Esse foi o ponto de partida de uma laudatio que falava não só do músico, mas do homem que soube transformar a sua voz num instrumento de dignidade. Desde as suas primeiras canções, Víctor Manuel compreendeu que a música podia ser refúgio, denúncia, memória e ternura. O seu trabalho acompanhou mineiros, mulheres invisíveis, povos que lutam pela sua dignidade, pessoas necessitadas de apoio intelectual e gerações inteiras que encontraram nele uma bússola ética.

A narração sublinhava a sua coerência, a sua serenidade e aquela "força silenciosa" que o caracteriza. Não precisava de grandes gestos para demonstrar compromisso: bastava estar onde era necessário, cantar quando os outros estavam em silêncio, lembrar que a cultura também pode ser um serviço público.



O texto expressava-o claramente:

“Não vemos apenas um cantor excepcional. Vemos um cidadão comprometido.”

A laudatio culminou com uma citação de Eduardo Galeano que ressoou na sala como um manifesto ético: a ideia de que pequenos gestos, multiplicados, podem mudar o mundo. E nesse espírito, a AECSE reconheceu Víctor Manuel não só pela sua música, mas pelo seu exemplo: por ser uma voz que nunca desiste, que nunca se acalma, que nunca esquece.

Nesse dia em Gijón não foi apenas uma reunião que se celebrou. Celebrou-se uma forma de estar no mundo. Uma forma de cantar que é também uma forma de viver.



III. Um gesto de memória e futuro: a vindicação da Vía da Prata em homenagem ao nosso Víctor Manuel.

No meio da solenidade do ato honorário dedicado ao nosso querido Víctor Manuel, houve um momento que transcendeu a homenagem pessoal para se tornar numa declaração coletiva. Em frente às locomotivas históricas do museu, um grupo de colegas desenrolou uma grande faixa com uma mensagem tão clara quanto necessária:

"1985–2026 = 41 anos incomunicáveis. Queremos o comboio Vía de la Plata."

A imagem diz tudo: rostos firmes, mãos unidas e o traçado simbólico da antiga linha chamada "Vía de la Plata"; uma rota ferroviária de mais de 900 quilómetros que ligava Gijón, Oviedo, León, Astorga, Benavente, Zamora, Salamanca, Plasencia, Cáceres, Mérida, Zafra e Sevilha, lembrando-nos que este corredor ferroviário não é apenas uma infraestrutura perdida, mas uma ferida aberta no mapa de Espanha.



O evento, já carregado de emoção pelo reconhecimento de Víctor Manuel, tornou-se por alguns momentos um espaço de vindicação. Lá, entre locomotivas que guardam a memória de gerações de caminhos-de-ferro, a exigência pela reabertura da Vía da Prata ressoou com força e dignidade.

Foi um gesto simples, mas cheio de significado: homenagear aqueles que dedicaram as suas vidas à ferrovia implica também defender o futuro da ferrovia. E nesse futuro, a Vía de la Plata não pode continuar a ser uma memória; tem de voltar a ser uma estrada.

Um ato de homenagem, sim.



IV. A voz do cinema: Emilio Ruiz Barrachina e a memória que é filmada

Entre os momentos mais especiais da manhã esteve a intervenção do realizador **Emilio Ruiz Barrachina**, cuja presença acrescentou uma camada inesperada de profundidade cultural.



A sua palestra não foi uma conferência típica: foi uma viagem. Falava da ferrovia como metáfora, como palco, como personagem. Recordava como os comboios cruzaram a história do cinema desde as suas origens, como simbolizaram despedidas, encontros,

fugas, regressos, esperanças.

Mas o mais emocionante foi quando ele ligou esse olhar cinematográfico às Astúrias. Às suas estações. Aos seus comboios que tiraram vidas inteiras sobre as suas rodas.

A sua voz ressoava entre as locomotivas como se narrasse um filme que todos conhecíamos, mas que ninguém tinha contado assim. E muitos sentiram que, por um instante, todo o museu se tornou um cenário onde a memória era o protagonista.



V. Almoço no "El Otru Mallu": onde a irmandade se senta à mesa

Depois da emoção, veio o calor. O calor humano, o das conversas pausadas, o do riso que afrouxa a solenidade dos atos oficiais.

O grupo mudou-se para o restaurante "**El Otru Mallu**", em Gijón, um lugar que parece feito para as pessoas se encontrarem. Ali, entre pratos que cheiravam a tradição e mesas que convidavam as pessoas a ficar, o dia mudou de ritmo.

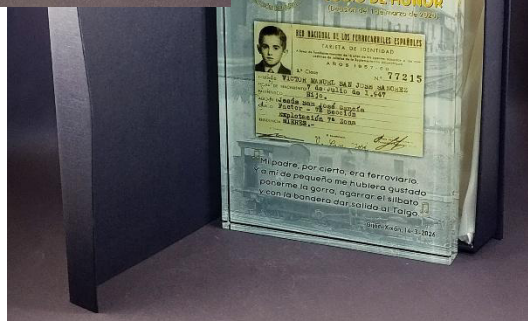
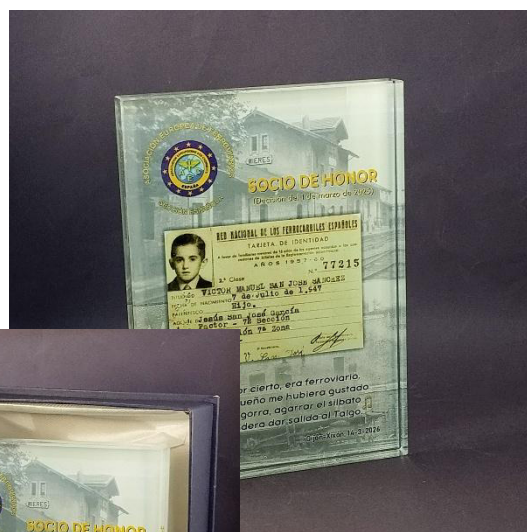
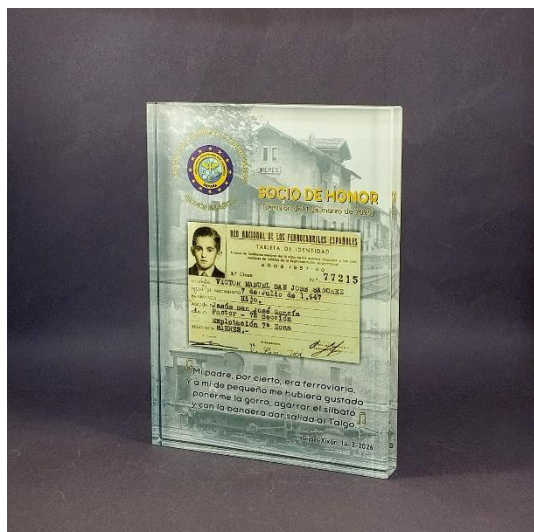


Falava-se de comboios, sim, mas também de música, de memórias, de anedotas que só se contam quando se sente família. Os membros da AECSE partilharam impressões do dia, e mais do que um confessou que a cerimónia tocou fibras profundas.

Porque não é todos os dias que um artista que deu voz à memória coletiva é homenageado. E não é todos os dias que o passado, presente e futuro da ferrovia são celebrados, no mesmo espaço.



Diplomas de Reconhecimento e Placa Comemorativa:





DIPLOMA DE MÉRITO



La Sección Española de la Asociación Europea de Ferroviarios AEC-SE ha otorgado el reconocimiento oficial y gratitud, por su labor en la investigación, preservación del Patrimonio Industrial Ferroviario, al director del Museo del Ferrocarril de Asturias, dependiente del Ayuntamiento de Gijón, como:

RECONOCIMIENTO ESPECIAL 2026 DE LA AEC-SE POR SU APORTACIÓN EXCEPCIONAL
EN FAVOR DE:

D. Javier Fernández López

Y para que así conste en el Museo del Ferrocarril de Asturias, Gijón a 14 de marzo de 2026

Presidente Sección Española AEC-SE

Secretario Sección Española AEC-SE

Presidente General Europeo AEC

Jesús Aguilar Velamazán

Jose Manuel Rodriguez Vidal

Carlos Abellán Ruiz



DIPLOMA DE MÉRITO



La Sección Española de la Asociación Europea de Ferroviarios AEC-SE ha otorgado el reconocimiento oficial y gratitud, por su labor como maquinista de trenes históricos en el Museo del Ferrocarril de Asturias, dependiente del Ayuntamiento de Gijón, como:

RECONOCIMIENTO ESPECIAL 2026 DE LA AEC-SE
EN FAVOR DE:

Dña. Beatriz Vilarnovo González

Y para que así conste en el Museo del Ferrocarril de Asturias, Gijón a 14 de marzo de 2026

Presidente Sección Española AEC-SE

Secretario Sección Española AEC-SE

Presidente General Europeo AEC

Jesús Aguilar Velamazán

Jose Manuel Rodriguez Vidal

Carlos Abellán Ruiz



Epílogo: um dia que permanece na alma

Quando a tarde começou a cair sobre Gijón, o museu ficou para trás, mas não partiu. Ainda estava lá dentro: nas conversas, nos olhares, na sensação de ter experienciado algo que não se repetirá da mesma forma.



A Assembleia definiu o rumo. A distinção para Víctor Manuel acrescentou emoção. E o almoço em "El Otru Mallu" selou a irmandade.

Foi um dia completo e redondo, daqueles que não precisam de decorações porque já estão cheios de significado.

Um dia em que a ferrovia, aquele velho contador de histórias, nos lembrou novamente que ainda está viva. E que, enquanto houver pessoas dispostas a ouvi-la, continuará a avançar.

Santiago de Compostela – Santander, 8 Abril 2026

Alberto José Sierra Daza

Secretário Adjunto da Associação
Europeia de Caminhos-de-Ferro, Secção
Espanhola (AEC-SE) e Delegado
Coordenador Europeu

✓ Emado por SIERRA DAZA
ALBERTO JOSE - ***3718**
el día 08/04/2026 con un
certificado emitido por
AC FNMT Usuarios



Carlos Abellán Ruiz

Presidente-Geral Europeu do Associação
Europeia de Caminhos-de-Ferro (AEC)

✓ Emado por CARLOS
Abellán Ruiz el día
08 / 04 / 2026 con un
certificado emitido
por ASOCIACIÓN
EUROPEA DE CAMINOS DE
FERROVARIAS AEC-SESS





ASSOCIACION EUROPEENNE DES CHEMINOTS
ASSOCIAÇÃO EUROPEIA DOS TRABALHADORES
FERROVIÁRIOS - SECÇÃO ESPANHOLA (AEC-SE)



MEMBRO HONORÁRIO DA AEC-SE PARA 2025 **VÍCTOR MANUEL SAN JOSÉ**

LAUDATIO, de Víctor Manuel: A Voz Que Nunca Se Rende

Há artistas que enchem estádios, e há artistas que enchem a consciência. Víctor Manuel pertence àquela linhagem rara e necessária que entende a música não só como profissão, mas como ato de responsabilidade. Desde os seus primeiros passos, quando ainda era um jovem asturiano com mais perguntas do que certezas, soube que cantar podia também ser uma forma de acompanhar, denunciar, abraçar aqueles que não tinham voz.

Ao longo da sua vida, Víctor Manuel mostrou que o compromisso não é uma pose, mas uma forma de estar no mundo. Cantou para os mineiros quando a escuridão da terra se confundia com a dos tempos. Cantou para as mulheres que sustentam a vida em silêncio, para os povos que lutam pela sua dignidade, para os invulgares que professaram o seu amor mais do que a compreensão social, para a memória que não está resignada ao esquecimento. E sempre o fez com uma honestidade que não precisa de altifalantes, porque nasce da verdade.

A sua obra é uma ponte entre gerações: aqueles que viveram tempos difíceis encontram refúgio e testemunho nas suas canções; os que vêm depois descobrem nele uma bússola ética, um lembrete de que a cultura também pode ser resistência, ternura e justiça.

Víctor Manuel não deixou de estar onde era necessário: em concertos de solidariedade, em causas sociais, em iniciativas que procuram um país e uma sociedade mais igualitários. Nunca precisou de grandes gestos para o provar; a sua coerência, a sua presença serena, essa 'força calma' e a sua forma de dizer as coisas que penetra mais fundo do que qualquer discurso são suficientes para ele.

Hoje, quando olhamos para a sua carreira, não vemos apenas um cantor excecional. Vemos um cidadão comprometido, um criador que conseguiu transformar o seu talento num serviço público; um homem que colocou a sua voz ao lado daqueles que mais precisavam. E isso, num mundo que por vezes parece esquecer o essencial, é um ato de coragem.

É por isso que celebramos Víctor Manuel: pela sua música, sim, mas também pelo seu exemplo. Porque ele nos lembra que a arte da música pode ser um farol, e que há vozes que, quando elevadas, iluminam muito mais do que um palco.

Citação do escritor uruguaio Eduardo Galeano: *"Muitas pessoas pequenas, que vivem em lugares pequenos, a fazer pequenas coisas, podem mudar o mundo, porque, no fim do dia, somos o que fazemos para mudar o que somos."*

Laudatio lido por Alberto José Sierra Daza no Museu Ferroviário das Astúrias em Gijón, 14 de março de 2026